

**Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto:
Um momento de reflexão sobre a nossa atual estrutura
Oswaldo Baffa Filho**

**“Things alter for the worse spontaneously,
if they be not altered for the better designedly.”
Francis Bacon**

As Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras (FFCLs) representaram uma estrutura importante para a ampliação dos cursos de nível superior no Brasil. Com uma única estrutura administrativa podiam-se criar diferentes cursos de graduação e, se tivessem pessoal qualificado, também realizar pesquisa e outorgar títulos de doutor. A idéia original dessa estrutura parece remontar à época Frederico Humboldt que, na Alemanha, propunha uma estrutura acadêmica do pensar ilimitado no final do século XIX.

Desde então muita coisa mudou. A pesquisa se sofisticou, exigindo cada vez mais, recursos humanos qualificados e aporte financeiro em maior monta. A atribuição de títulos de doutor passou a ser feita na forma de Programas de Pós Graduação e o Brasil passou a adotar um modelo universitário mais próximo do modelo americano do que do modelo europeu. No Brasil tivemos então as reformas universitárias que, dentre outras coisas, levaram a uma estruturação diferente da Universidade. As antigas FFCLs foram então desmembradas e deram origem a Institutos Especializados. No Campus de São Paulo tivemos o aparecimento dos Institutos de: Biologia, Física, Geociências, Matemática e Estatística, a Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras, dentre outros. Além da saudosa FFCL da Maria Antonia, o Estado de São Paulo possuía uma rede de FFCLs consolidada na chamada Coordenadoria do Ensino Superior do Estado de São Paulo (CESESP). Essas escolas funcionaram de forma autônoma até que em 1976 foi criada a UNESP, colocando-as sob a mesma égide. Após esse momento essas escolas foram totalmente reestruturadas e passaram a denominar-se Instituto de Química, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Instituto de Física, Instituto de Matemática e Instituto de Biologia, Letras e Ciências Exatas (IBILCE). Como se percebe todos esses nomes especificam de uma forma bem clara a área de atuação da Unidade. Diferentemente de Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras que, quando todas as áreas não estão representadas, pouco se diz daquilo que é realmente feito no local.

A nossa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) foi criada em 25/06/1959 pela Lei Estadual 5.377, mas suas atividades acadêmicas iniciaram-se somente em março de 1964. Através da Portaria publicada no Diário Oficial de 19/02/1963, foi autorizado o funcionamento provisório dos cursos de Biologia, Física, Psicologia e Química. Entretanto, o curso de Física não foi instalado, tendo sido autorizada, em sua substituição, a instalação do curso de Licenciatura em Ciências. Através do decreto no 46.323, publicado no D.O. em 21/05/1966, o governador do Estado de São Paulo autorizou oficialmente o funcionamento da FFCLRP. O curso de Licenciatura em Ciências, iniciado em 1966, funcionou somente até 1976. Com duração de apenas três anos (Licenciatura Curta), o seu objetivo era propiciar a formação rápida de professores de ciências para o ensino de primeiro grau.

Em 30/12/1974, através do Decreto Governamental 5.407, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto foi incorporada à Universidade de São Paulo

e integrada ao Campus da USP de Ribeirão Preto. Como se verifica, se tivéssemos permanecido na UNESP teríamos passado por uma reforma e até mesmo mudado a nossa denominação. Pelo fato de já termos entrado na USP após a reforma universitária, também escapamos dessa discussão. Isso trouxe sérias conseqüências. Quando da incorporação pela USP a nossa escola era considerada em instalação pela CESESP e, portanto, passível de um tratamento mais generoso no tocante a recursos financeiros. Porém, ao sermos incorporados pela USP essa particularidade foi esquecida, fazendo com que recebêssemos o mesmo tratamento de outras unidades. Essa situação de certa forma impediu que a nossa escola tivesse um desenvolvimento mais vigoroso no ensino de graduação, com os seus desdobramentos no quadro de pessoal e orçamentário. Porém a nossa comunidade soube aproveitar de forma competente todas as possibilidades, especialmente no ensino de pós-graduação, até porque nesse caso o financiamento é em sua maior parte externo, e essa área teve um crescimento expressivo.

A partir de 2000, com a criação do curso de Bacharelado em Física Médica, a nossa escola entra em um novo círculo virtuoso no tocante ao ensino de graduação e hoje com a criação dos cursos de Pedagogia, Licenciatura em Química, Ciências da Informação e Documentação, Informática Biomédica, Matemática Aplicada a Negócios e mais recentemente a reestruturação do Bacharelado em Química com várias modalidades. Hoje concentramos nove cursos em amplas áreas do saber. Neste contexto é pertinente perguntar se a nossa estrutura departamental e até mesmo o nome da nossa escola reflete essa realidade? Em primeiro lugar temos que reconhecer que fizemos vários avanços dentro do espaço que a universidade nos permite. Administrativamente a FFCLRP se consolidou, várias secções foram criadas e atingimos uma grande competência e eficiência. Porém existe um sentimento que dentro da realidade administrativa da USP parece que chegamos ao nosso limite, no que tange a sermos atendidos adequadamente em nossas demandas. A lógica da USP é a Unidade e nesse caso sempre levamos desvantagens, pois na realidade somos quatro unidades em uma, quando analisamos as áreas do saber cobertas pela FFCLRP.

Some-se a isso que uma unidade, ou departamento, muito grande é difícil de gerenciar e de coordenar, isto pode ser facilmente constatado quando comparamos a eficiência de diferentes instituições universitárias. É preciso não esquecer que a coordenação e a articulação entre corpo docente, funcional e discente é um elemento central na organização do trabalho acadêmico. Se o departamento, na figura dos três segmentos citados, não conversa entre si, não se encontra, não discute seu futuro está perdendo uma grande oportunidade de potencializar de forma sinérgica as suas realizações. É por isso que estruturas de porte menor, porém altamente vocacionadas e unidas em torno de um objetivo acadêmico têm maiores possibilidades de prosperar na academia.

A discussão sobre a estrutura da FFCLRP é recorrente. Agora aflora novamente com o aparecimento dos novos cursos de graduação e com o esperado desdobramento futuro em cursos também de pós-graduação, atividades de extensão e pesquisa. Ganhamos ou perdemos mantendo em uma mesma Unidade extensas áreas do conhecimento e um corpo docente e funcional de grande porte? Em nossa opinião a divisão é imperativa pelas razões já apontadas, porém devemos pensar esse assunto com a devida calma e equilíbrio. A nossa escola tem, após quase 45 anos de existência, um código não escrito de convivência e respeito mútuo que nos permitiu dar o salto nos últimos anos de 3 para 9 cursos de graduação. Este é um patrimônio importante que tem que ser preservado em

qualquer reestruturação que venhamos a executar. A nossa contradição não é interna e sim externa!

A proposta que nos parece mais adequada no momento seria a criação de quatro institutos, cada um deles fundamentando em um dos atuais departamentos, seguindo o modelo adotado na USP-Leste. O novo modelo facultado pela Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Nova LDB) permite que Unidades acadêmicas possam ser criadas sem departamentos. Nesse caso as “âncoras” são as atividades acadêmicas e não os departamentos. Várias Universidades Federais já adotaram esse modelo. A figura 1 mostra a atual estrutura da FFCLRP e suas principais estruturas acadêmicas e administrativas. Como se verifica cada um dos departamentos possui atividades de graduação, pós-graduação, pesquisa e extensão em diferentes áreas do saber, semelhantes ao que vemos nas demais Unidades da USP.

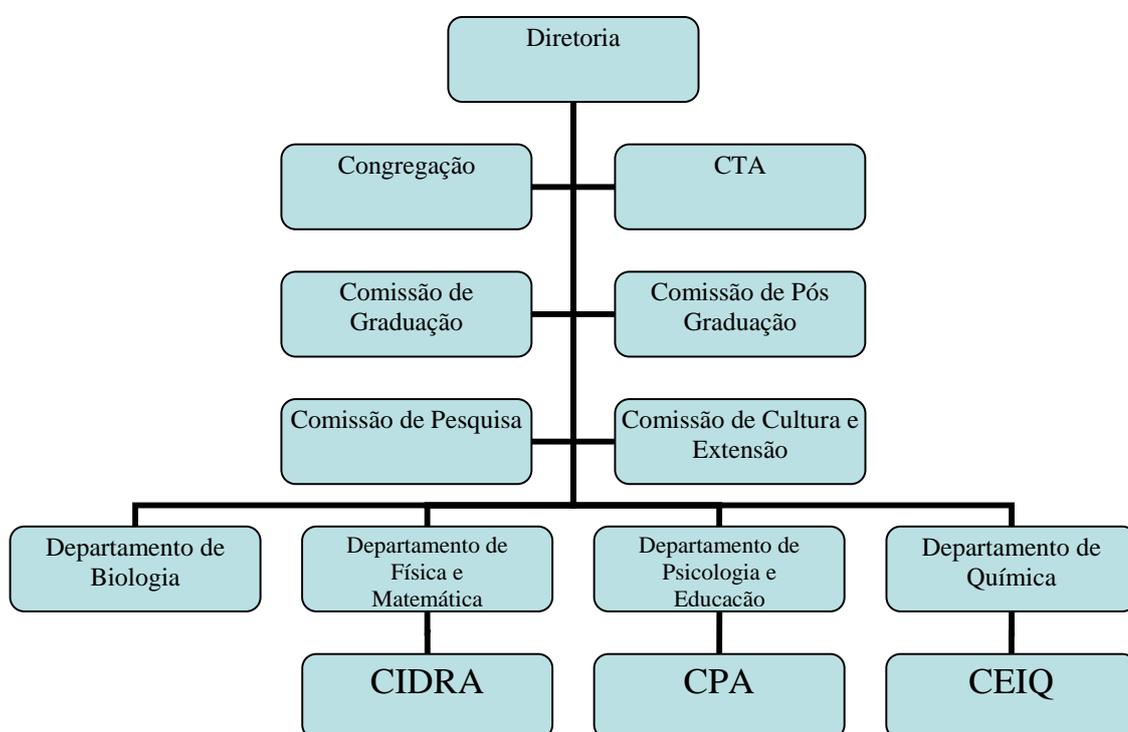


Figura 1- Estrutura atual da FFCLRP com as principais instâncias administrativas.

Uma eventual divisão irá produzir Unidades menores que a atual FFCLRP, porém é oportuno observar que algumas unidades da USP possuem um número reduzido de docentes e ocupam posição de destaque, vejam os exemplos: FEARP-59D/38ND, IO 36D/179ND, FZEA 61D/78ND, EFE 39D/97ND, IFSC 72D/148ND, IQSC 41D/100ND. No caso do IQSC e IFSC o número inicial de docentes era pequeno e ambas, após a separação, tiveram um crescimento vertiginoso.

No modelo proposto, a administração geral da nova Unidade seria exercida por uma estrutura mais compacta, materializada pelos seguintes órgãos:

- I - Congregação;
- II - Conselho Técnico-Administrativo;

- III - Diretoria;
- IV - Comissão de Graduação;
- V - Comissão de Pesquisa e Pós-Graduação;
- VI - Comissão de Cultura e Extensão Universitária

Os custos adicionais de verba de representação de uma nova Unidade no modelo proposto seriam:

- Diretor e Vice-Diretor
- 3 Presidentes de comissões
- 2 Assistentes técnicos de direção: ATAC, [ATAF+ATAD]
- Secretárias, Chefes de secção
- No momento da criação não haveria contratação de novos funcionários e sim uma redistribuição do atual quadro de servidores não docentes da FFCLRP.

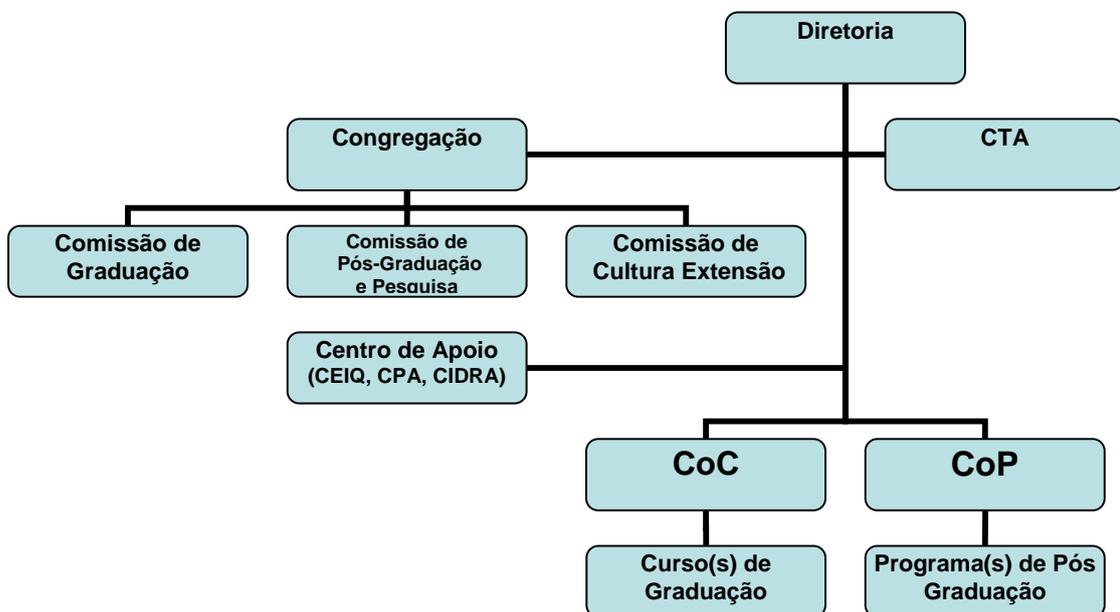


Figura 2- Estrutura de um possível novo Instituto criado a partir de um dos departamentos da atual da FFCLRP e suas principais instâncias administrativas.

O assunto é complexo e após a decisão pelo melhor modelo a ser seguido vários detalhes precisam ser discutidos. Essa discussão tem que ser a mais ampla possível e não cabe aqui esgotar o assunto, mas apresentar uma possível alternativa. Finalizando, a discussão de uma reestruturação da FFCLRP deve ser vista como um desdobramento natural do sucesso que essa estrutura teve no passado, à semelhança da congênere existente na Rua Maria Antonia, mas que chegou ao seu limite. Como uma família que produziu filhos exitosos chega o momento de cada um ter o seu próprio espaço. Façamos como o adágio Árabe: “Vamos manter as nossas tendas separadas, mas os nossos corações unidos” em prol de uma USP ainda melhor!